

## **NOTA DA COMISSÃO DIOCESANA JUSTIÇA E PAZ NO 52º DIA MUNDIAL DA PAZ**

(1 de janeiro de 2019)

### **Todos estamos ao serviço da Paz**

Por ocasião do 52º Dia Mundial da Paz (1 de Janeiro de 2019), o Papa Francisco apela a uma política ao serviço dos direitos humanos e da paz. Nesta Mensagem, a preocupação do Santo Padre, neste momento da História, volta-se para os políticos e para uma política que crie condições para um futuro digno e justo, no respeito pela vida, liberdade e dignidade humanas.

A boa política, de facto, está sempre ao serviço do Bem Comum, sobretudo quando é animada pela caridade e não apenas pelo empenho secular e político. Neste sentido, o Papa Francisco elogia a verdadeira política, a construção da *polis*, quando é orientada para o Bem Comum e não para os próprios interesses, quando tem profunda consciência do seu papel, quando irradia credibilidade, quando é coerente, quando realiza a unidade, quando se compromete na realização de uma mudança radical para o bem, quando sabe escutar e dialogar, quando não tem medo.

O Santo Padre não deixa, no entanto, de alertar para os vícios de uma política errada, sobretudo a que cai na corrupção, na falta de respeito pelas regras comunitárias, no enriquecimento ilegal, na justificação do poder pela força, na tendência a perpetuar-se no poder, na xenofobia e no racismo, na recusa em cuidar da Terra, no desprezo por aqueles que são forçados ao exílio.

Tendo em conta o momento atual da História, o Papa Francisco não deixa de manifestar inquietação pelos nacionalismos emergentes, pela estratégia do medo – alertando para o facto de que a paz não é um mero equilíbrio de forças e do medo – e pelos discursos políticos que acusam os migrantes de todos os males e os privam da esperança.

A paz, diz o Papa, é fruto de um grande projeto político que exige o esforço de todos e que protege, sobretudo, a dignidade das crianças e o futuro e a esperança dos jovens: paz consigo mesmo, paz com o Outro, paz com a Criação.

A Comissão Diocesana Justiça e Paz (CDJP) congratula-se com esta Mensagem do Santo Padre e apela a toda a comunidade política açoriana para que nunca esmoreça na sua luta pelas principais causas de uma

política justa, a saber, a primazia do Bem Comum, da dignidade e dos direitos fundamentais de todos os cidadãos, principalmente dos mais desfavorecidos, a promoção de um desenvolvimento sustentado e a construção de uma paz que não seja apenas ausência de conflitos.

Neste sentido, a CDJP não pode deixar de recordar a Carta Encíclica *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI, em 1967, cujo lema fundamental era “O desenvolvimento é o novo nome da paz”. Por isso, é com grande preocupação que a CDJP encara o autêntico flagelo social que é a pobreza na Região Autónoma dos Açores, noticiada nos últimos meses. De facto, nenhum açoriano se pode conformar com essa realidade assustadora. Quando mais de 30% dos açorianos vivem abaixo do limiar da pobreza, não podemos deixar de nos encarar com um défice de paz.

Não podemos desculpar-nos relegando a solução deste flagelo para a comunidade política. Todos, e os cristãos sobremaneira, temos o dever de consciência de envidar todos os esforços ao nosso alcance para que um número cada vez maior de cidadãos tenha uma vida o mais digna possível a nível económico e social.

É frequente encarmos, com uma visão fatalista, a pobreza nos Açores, e ver nela uma questão de difícil solução por ser um fenómeno estrutural, endémico, localizado, que gera cidadãos subsídio-dependentes. Esta visão considera o Outro, o pobre, como um ser humano de segunda classe, que não merece o respeito porque, por exemplo, recebendo o Rendimento Social de Inserção, compra um telemóvel de última geração enquanto os filhos passam fome. Não podemos fechar os olhos a essa situação nem podemos simplesmente apontar o dedo, desculpando a nossa pecaminosa indiferença.

A verdadeira paz constrói-se com todos os cidadãos e quando todos os cidadãos tiverem condições dignas para viver essa paz. Consideramos que a educação e a promoção social dos mais desfavorecidos é uma tarefa imprescindível e apelamos a todas as estruturas da Igreja nos Açores a que colaborem incansavelmente neste desafio.

Como sabemos, um dos lemas do atual Pontificado é a luta contra as situações de pobreza e exclusão social que danificam a dignidade da pessoa. A CDJP está em plena comunhão com o Papa Francisco e, com ele, recorda a beleza extraordinária do *Magnificat* de Maria, Mãe de Deus, que canta: «A Misericórdia (do Todo-Poderoso) estende-se de geração em geração sobre aqueles que O temem. Manifestou o poder do Seu braço e

dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes (Lc 1, 50-52).